

EARN-IAO
Praia, 14 de Outubro

DISCURSO DO MNE, ENG. JOSÉ BRITO

Muito boa tarde.

Senhoras e Senhores Deputados da Nação,

Senhoras e senhores Chefes das Missões Diplomáticas e representantes das organizações internacionais,

Senhor Director do Instituto da África Ocidental,

Senhor Co-Presidente da EARN e presidente do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, de Portugal,

Minhas senhoras e meus senhores,

Caros Amigos,

É para mim um prazer ter o privilégio de vos acolher na Praia e desejar em nome do governo de Cabo Verde e em meu nome pessoal que tenham uma agradável e profícua estadia entre nós.

Não vos escondo que o motivo principal da minha satisfação esta tarde, na qualidade de Presidente do Comité de Pilotagem do Instituto de África Ocidental, reside no facto de poder constatar que, efectivamente, esta recém criada instituição está a dar os seus primeiros passos de forma segura com objectivos claros e bem definidos, contribuindo, desta feita, para que a III Cimeira África / Europa a realizar-se em Novembro próximo em Tripoli, possa, de certo modo beneficiar das reflexões e recomendações que deverão sair desta primeira reunião conjunta IAO / EARN e de outras do género.

Estava a tentar ver se eu podia ser provocador uma vez que estamos entre investigadores e decisores a vários níveis e diferentes domínios. Nós os políticos, quando fazemos declarações, geralmente, insistimos nas boas intencões e boas acções. Reunimo-nos em Lisboa em Dezembro 2007 e aprovámos um plano de acção muito bonito. Praticamente, ainda estamos à espera dos principais resultados desse plano de acção.

Aprovámos a Estratégia Conjunta de Lisboa para o desenvolvimento das relações entre África e Europa; vamos certamente fazer mais diagnósticos e reafirmar, o nosso desejo de ver reforçadas as relações entre as duas regiões.

Nós podemos perguntar e, eu penso que é um dos papéis dos investigadores, porque é que parece que ficámos pelas declarações de intenção.

Tenho a percepção de que as relações África - Europa não estão a evoluir suficientemente bem; penso que podemos e devemos criar um outro tipo de relação que ultrapasse a que temos actualmente, fundamentalmente entre quem dá e quem recebe, que tem sido uma constante.

Particpei em várias reuniões da Europa e África, participei particularmente nas negociações de Lomé e verifiquei, em muitas dessas negociações, que falamos mais de dinheiro, do montante a doar à África mas não falamos, realmente, de como transformar a África num verdadeiro parceiro da Europa, porque na nossa opinião, a questão principal é, como construir uma parceria verdadeira entre a África e a Europa.

Fico com a impressão que isto deriva do facto de nós mesmos não termos uma visão estratégica partilhada desta relação do lado europeu mas também do lado africano.

Pergunto, muitas vezes, se existe, realmente, uma politica europeia em relação à África mas também pergunto se existe uma politica africana em relação à Europa.

Porque queremos fazer esta caminhada juntos? Quais são os factores a considerar? Como é que devemos desenvolver estas relações no médio e longo prazos?

Penso que muitas vezes ficamos ao nível das declarações de princípio mas não construímos uma visão partilhada do que queremos fazer juntos. Esta visão é o motor antes de passar para o próximo passo que é a definição de estratégias e das políticas necessárias para atingir esta visão.

Temos que perguntar qual o papel de cada um, a diferentes níveis, nesta parceria estratégica que queremos estabelecer entre a África e a Europa, o papel da sociedade civil, do sector privado, dos parlamentares, das organizações regionais, quais são os vários níveis de intervenção?

Para nós é isto que temos que discutir: como é que vamos criar e desenvolver esta visão partilhada ? Eu acredito, efectivamente, que a Europa e a África têm muito interesse comum e também muitas diferenças. Isto por várias razões, históricas, mas também culturais e para além do interesse de proximidade, há interesses económicos.

São continentes a poucos quilómetros um do outro, com recursos humanos e naturais enormes, que têm uma capacidade de crescimento do seu mercado extraordinário.

África é, realmente, um continente do futuro e ao lado temos uma Europa à procura de parcerias na Ásia e na América Latina. Podemos verificar a diferença que há nas cimeiras entre Europa e estes continentes, em que se fala como parceiros e as cimeiras África - Europa onde estamos a falar de financiamento, de ajuda humanitária mas não de relações de parceria propriamente ditas.

Como é que a Europa pode contribuir para desenvolver o enorme mercado potencial de África?

Como é que podemos criar as condições conjuntamente para permitir, efectivamente, a substituição de ajuda pública ao desenvolvimento pelo investimento?

As oportunidades para investimento existem em África mas é verdade que ainda, por várias razões, não há um clima que favorece realmente estes investimentos. O que podemos fazer juntos para melhorar o ambiente e as condições do investimento necessário a uns e outros?

Será que a Europa está disposta a este tipo de diálogo para permitir a África desenvolver o seu mercado potencial?

Será que África tem consciência muito clara de que pode ter na Europa um parceiro privilegiado, que tem tudo o que falta à África e que portanto pode criar uma parceria com a África, por definição, em benefício de ambas as partes?

Mas qual é a estratégia que nós os africanos devemos ter para beneficiar do potencial europeu, garantindo as justas e necessárias contrapartidas?

Penso que dos dois lados temos de reflectir mais profundamente e isto eu penso é o papel dos investigadores que devem ajudar a dar conteúdo às declarações políticas dos dirigentes, que muitas vezes ficam somente no papel.

Vamos ter mais uma cimeira; vamos ter durante esta cimeira vários fóruns de diálogo com a sociedade civil, mas também vamos discutir outros aspectos importantes como a sociedade do conhecimento, uma área onde a Europa tem considerável avanço em relação a África. Será que a Europa está disponível para apoiar eficazmente a África na transformação em sociedades de conhecimento e de inovação?

Concordo com o Prof. Fernando Cardoso quando ele diz que o problema é as relações com África estarem confinadas à Direcção Geral do Desenvolvimento (DGDev), porque os outros departamentos da Comissão Europeia que têm a capacidade de, por exemplo, facilitar a aquisição do conhecimento, geralmente, não têm programas para África. Portanto, há este deficit de instrumentos que dificulta o relacionamento Europa - África.

Para nós isto é muito importante.

Cabo Verde solicitou uma parceria especial com a Europa. Na altura houve muita gente a dizer que Cabo Verde queria sair de África, e que preferia estar com a Europa. Mas o nosso raciocínio era diferente; nós queríamos transformar as nossas relações com a Europa, queríamos transformar estas relações em parceria; numa situação de “win - win” na qual todas as partes envolvidas ganham.

O continente africano tem muito mais a dar à Europa do que dá, portanto temos algo a dar e se temos algo a dar, temos algo a receber e temos que negociar como parceiros e não como quem recebe ajuda que nunca leva ao verdadeiro desenvolvimento.

Nós, o que queremos é que a Europa faça, por exemplo, o que faz com os Estados que entraram recentemente na União Europeia. Por exemplo, a entrada de Portugal foi negociada. O objectivo dessas negociações foram para um “mise à niveau” de Portugal com a média europeia. Houve investimento, não somente ajuda.

Houve um trabalho de fundo realizado em parceria que permitiu a Portugal atingir o nível europeu e ser hoje um membro de pleno direito da União Europeia. Para que África e Europa sejam parceiros, ambas as regiões terão de mudar de atitude. E eu penso que é esta mudança de atitude que está sendo difícil.

Está sendo difícil porque estamos num ambiente onde estamos a dar mais importância às ameaças. O medo de África existe na Europa, o medo de

emigração clandestina, o medo do tráfico de droga, o medo do terrorismo estão a dominar e a envenenar as relações entre os dois continentes.

Há um certo receio actualmente e faz com que a politica em relação à África seja de reduzir os efeitos destes medos mais do que de apoiar a transformacao de Africa para sermos de facto parceiros e conjuntamente enfrentarmos estes problemas que são ameaças a todos nós.

Temos todos a ganhar se conjuntamente trabalharmos para impedir o avanço do flagelo da droga. Acho que temos interesses comuns muito grandes e deveremos ultrapassar as atitudes baseadas no medo.

Seria exagerado pensar que por detras disso existem o complexo de colonizado e o complexo do colonizador. Mas temos de ultrapassar os complexos e o trabalho dos investigadores e da sociedade civil ajudará.

Falando do papel dos investigadores nao podemos deixar de realcar um dos aspectos importantes do IAO. Ao criar o Instituto de África Ocidental tinhamos em mente que nas decisões a nível dos países africanos falta, muitas vezes, a exploração do conhecimento acumulado, a racionalidade da análise, as técnicas próprias dos processos de decisão eticamente eficazes.

A tomada de decisão tem que ser preparada e tem que ser preparada com o apoio dos investigadores, aqueles que, de facto, andam a analisar as causas e permitem aos decisores fazer escolhas razoáveis entre cenários possíveis.

Isto é um dos problemas que ainda temos mais em Africa do que na Europa. Acontece que, às vezes, os nossos investigadores pensam que detêm a verdade e acabam por tomar posição contra os governos legítimos.

O que esperamos dos investigadores é, de facto, não substituirem os políticos, mas apresentarem cenários que façam destacar as vantagens e os inconvenientes das opções. Também esperamos que ajudem a informar a sociedade e a acompanhar as opções e decisões. Se percebi bem, é isso mesmo que EARN e IAO tentam fazer.

Portanto é o tipo de relacionamento que temos que desenvolver; o político necessita de quem faz as análises e lhe permite efectivamente saber que vai tomar uma decisão com consciência muito clara das implicações da decisão.

IAO foi criado para ajudar a nossa sub-região – em particular a CEDEAO - a ter um instrumento de reflexão e de preparação e acompanhamento das

decisões. Estamos a trabalhar para o efeito e contamos muito com a IAO para permitir fazer da nossa organização sub-regional, a CEDEAO, uma das mais eficazes de África.

Nós acreditamos na cooperação entre os níveis de exercício do poder. Procuramos não confundir o trabalho que temos que fazer no plano africano, das sub-regiões e das nações. Tal como o mundo funciona, o Estado não pode deixar de assumir as suas responsabilidades em nome de uma organização sub-regional, regional ou mundial. A cooperação é difícil, mas ela é necessária.

Portanto, há vários níveis de decisão nas quais o IAO pode ajudar efectivamente. Existe um nível importante que é a integração regional para permitir criar sinergias para melhorar as nossas políticas nacionais porque não podemos, num mundo cada vez mais global, agir sozinhos. Temos de criar as capacidades para dar resposta aos desafios próprios do nosso tempo.

Penso que este tipo de reunião, a possibilidade do IAO poder desenvolver as suas relações com a rede África-Europa de investigação e acção, vai ajudar também no reforço da nossa integração regional, uma característica das relações internacionais do século XXI. Cabo Verde está muito atento à evolução destas dinâmicas e quer dar o seu contributo à compreensão e à melhoria dos processos de tomada de decisão e medida das suas implicações.

Queria, por fim, agradecer ao Prof. Fernando Cardoso e à EARN (Europe-Africa Research Network) por ter confiado no projecto IAO e com ele organizado o encontro internacional na Praia. Como se pode ver e sentir nesta sala, a presença de todos os investigadores, em pessoa ou através do seu labor, é muito apreciada e merecedora de grande expectativa. Espero que durante a vossa estada possam sentir este pequeno país que quer ser útil através da acção e da boa governação da esperança e dos recursos, por exemplo, cumprimento os objectivos do milénio.

Muito obrigado!